



VOLUNTARIADO MADURO PARA JOVENS NO MUNDO DOS POBRES: LUGAR HISTÓRICO-PASTORAL-TEOLOGAL

Mature Volunteering for Young People in the World of the Poor: a Historical-pastoral-theological Place

Eduardo Roberto Severino *

RESUMO: Objetiva-se correlacionar a compreensão de voluntariado para jovens no Documento 85 da CNBB, *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais* (2007), com os princípios do método teológico de Jon Sobrino do “mundo dos pobres como lugar histórico-pastoral e como lugar histórico-teológico”. No referido Documento, o voluntariado apresenta-se como pista da ação evangelizadora da juventude (n. 174) e da pedagogia de formação de jovens, na qual a experiência tenha prioridade sobre a teoria (n. 146-149). Ele se contrapõe à *desintegração* e à desvinculação entre, de um lado, protagonismo e participação sociais (n. 10-50) e, de outro, conhecimento de Jesus Cristo e confissão de fé cristã, pessoal e comunitária (n. 51-92). Desde os princípios do método teológico sobriniano, o voluntariado maduro, como forma solidária de participação social para jovens no mundo dos pobres, é lugar histórico-pastoral e lugar histórico-teológico. A *incubatio* do itinerário pessoal-eclesial-social-teológico do método teológico sobriniano se inscreve no desafio pastoral de repensar eclesial-social-teologicamente o voluntariado para jovens.

PALAVRAS-CHAVE: Voluntariado maduro. Jovens. Jon Sobrino. Histórico-pastoral. Histórico-teológico.

ABSTRACT: The aim is to correlate the understanding of volunteering for young people in the document 85 of the CNBB “Evangelization of the youth: Challenges and pastoral perspectives” (2007) with the principles of Jon Sobrino’s theological method of the “World of the Poor as a historical-pastoral space and as a historical-

* Colégio Catarinense, Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

theological space". In this document, the volunteering is presented as a clue for the evangelizing action of young people (n. 174) and for the pedagogy of youth formation, in which experience takes priority over theory (n. 146-149). It opposes *disintegration* and disconnection between, on the one hand, social protagonism and participation (n. 10-50) and, on the other, knowledge of Jesus Christ confession of Christian faith, both personal and communal (n. 51-92). Based on the principles of the Sobrinian theological method, mature volunteering, as a form of social participation in solidarity for young people in the world of the poor is a historical-pastoral place and a historical-theological place. The *incubatio* of the personal-ecclesial-social-theological itinerary of the Sobrinian theological method is part of the pastoral challenge of ecclesial-social-theological rethinking of volunteering for young people.

KEYWORDS: Mature volunteers. Young people. Jon Sobrino. Historical-pastoral. Historical-theological.

Introdução

Em 2007, a CNBB publicou o Documento 85 *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*. Nele, o voluntariado é referido como uma das pistas da ação evangelizadora (n. 174) e de formação integral da juventude (n. 146-149). Segundo consta no Documento, o voluntariado poder-se-ia contrapor à *desintegração* e à desvinculação entre protagonismo e participação sociais (n. 10-50) e confissão de fé cristã, pessoal e comunitária (n. 51-92). Trata-se, sem mais, de uma ação evangelizadora, cuja finalidade é desenvolver um itinerário formativo que *atraia* os jovens e os envolva, que propicie o encontro dos jovens com o Senhor e os leve ao amadurecimento na fé (n. 142) e ao sentimento de pertença à comunidade de fé (n. 72). Trata-se, sem justificativa, de uma pedagogia de formação, que os motive a envolver-se com questões que dizem respeito a toda a sociedade, como economia, política e meio ambiente, ou seja, questões que são desafios sociais de nosso tempo (n. 83). O voluntariado incorpora-se, então, a linhas de ação orgânica nas quais seja contemplada uma catequese nem ocasional nem inoperante, mas permanente, integral, bíblica, litúrgica, comunitária e de compromisso apostólico de serviço aos demais. Ora, que tipo de experiências significativas de voluntariado superaria hiatos presentes na catequese juvenil entre fé experienciada (pessoal), fé professada (eclesial) e fé vivida (social) (n. 142, 149, 177)?

Essa abordagem visa a cotejar a compreensão de voluntariado para jovens no referido Documento (1), alargando-a desde o fenômeno social do voluntariado em contextos de exclusão social (GARCÍA ROCA, 1994; 1999; 2004) (2), com o método teológico de J. Sobrino (1988; 1989; 1994a; 1994b; 1999; 2008) (3), a partir do qual o voluntariado maduro no mundo dos pobres seria tanto histórico-pastoral como lugar histórico-teológico (4).

1 Voluntariado para jovens em contextos de exclusão social

O voluntariado é um fenômeno sócio-histórico que faz referência a instituições historicamente vinculadas a ações sociais e a pessoas atuantes como impulsionadoras de iniciativas sociais, desde uma consciência solidária e com vistas à transformação do tecido social. Trata-se de um caminho de crescimento pessoal e de transformação social (ARANGUREN GONZALO, 2011, p. 84); contudo, o *uso* da categoria “voluntariado” é recente (SANTABÁRBARA, 2009, p. 195)¹, aparecendo como uma das pistas de ação evangelizadora, como práxis da iniciação cristã, como ação social solidária ou socioeducacional da juventude, com a finalidade de sobrepujar as dicotomias entre ortodoxia e ortopraxis, experiência de vida e formulação da fé, vivência atual e dados da Escritura e da Tradição, convicções firmes e ação corajosa, experiência vital e estudo sério e sistemático da mensagem de Cristo, processo de iniciação cristã e caminhada de uma comunidade concreta (CNBB, 2017, n. 113). Com o propósito de alcançar essa finalidade, o voluntariado, em todas as suas vertentes, estabelece estreita ligação com o “princípio metodológico de interação fé e vida” – nomeado também como “princípio de interpeleção” e “princípio de interação entre fé e vida” (GS, n. 43; EN, n. 20; EG n. 176-258).

1.1 Documento 85: voluntariado para jovens como ação evangelizadora da juventude

Com o Documento 85, objetivaram-se “ser um instrumento para a evangelização da juventude” (CNBB, 2007, n. 9) e “oferecer propostas evangelizadoras às realidades locais de modo provocador, na busca de novos caminhos, em um diálogo franco e construtivo com a cultura pós-moderna” (n. 9). Ser cristão significa conhecer Jesus Cristo, ser convidado por Ele a ser discípulo, unir-se lado a lado a outros que O encontraram e fizeram opção por Ele, trabalhar juntos pelo Reino e por uma nova sociedade (n. 52, 57); contudo, o encontro com Jesus Cristo, que está presente na Escritura, na ação litúrgica, na comunidade reunida e nos mais necessitados, não é algo abstrato (CNBB, 2007, n. 64; DP, n. 1188). Nele implica-se concretamente a possibilidade de seguimento de Jesus Cristo, de inserção na comunidade de seus seguidores e de construção de uma sociedade solidária (CNBB, 2007, n. 3, 7-8, 53-85). Ademais, no Documento, destacam-se, de um lado, “a responsabilidade e a seriedade com que muitos jovens católicos, animados pela fé, têm abraçado a dimensão de serviço, seja no cuidado aos mais pobres, seja na atuação em

¹ INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações*. Brasília: IBICT, 2003. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 09 maio 2022.

movimentos e em organizações sociais com vistas à construção de uma sociedade mais justa e solidária” (n. 48)²; reconhece-se, de outro lado, a dificuldade/o desafio de interação entre a evangelização da juventude, que insere os jovens simultaneamente no conhecimento e seguimento de Jesus Cristo, na sociedade e na Igreja (n. 49), e a dimensão política e social da fé como elemento constitutivo da vida cristã (n. 83, 177). Para a CNBB, falta mais aprofundamento da Doutrina Social da Igreja (n. 238), o que Borgheti chamou de “exiguidade de utopia social” (BORGHETI, 2010, p. 22).

Diante disso, oferecem-se pistas de ações evangelizadoras em que sejam contemplados o anúncio de Jesus Cristo, a adesão a Ele e à comunidade e a transformação social (CNBB, 2007, n. 8, 238). O voluntariado apresenta-se, sem justificativa, como uma das pistas da ação evangelizadora da juventude (n. 174) e aparece, assim, como uma das pistas da “pedagogia de formação”, que se poderá contrapor à *desintegração* e à desvinculação entre, de uma parte, o protagonismo e a participação sociais (n. 10-50) e entre, de outra parte, a confissão de fé cristã, pessoal e comunitária (n. 51-92).

Trata-se, sem mais, de ação evangelizadora, cuja finalidade é desenvolver um itinerário formativo que *atraia* os jovens e os envolva, propiciando o encontro com o Senhor e amadurecendo-os na fé (CNBB, 2007, n. 142), e permitindo que se sintam membros eleitos da comunidade de fé (n. 72), e não meros coadjuvantes *intra ecclesia* e *extra ecclesia* (MOTA, 2009, p. 236). Além do mais, pressupõe-se como ação evangelizadora que os motive a se envolverem com questões sociais diversas, tais como economia e política, entre outras (CNBB, 2007, n. 83). Para tal, salientam-se a prioridade da experiência de evangelização sobre a teoria e o “princípio metodológico da interação entre fé e vida” (n. 146-149), pedagógico, processual e consciente (MOTA, 2009, p. 238-242).

Conforme o Documento, cujo escopo é oferecer pistas para formar jovens, três eixos devem ser contemplados – nesta ordem – na evangelização por meio do voluntariado (CNBB, 2007, n. 53-85): o conhecimento e o seguimento de Jesus Cristo (n. 53-66); a inserção na comunidade dos seguidores de Jesus (n. 67-81); a construção de uma sociedade solidária (n. 82-85). O voluntariado é, portanto, tido como implementação de ação evangelizadora, na qual haja interação não pontual, mas de progressiva assimilação, entre fé e vida cristãs.

Ademais do Documento 85, a designação do “voluntariado” como uma das pistas de ação do “princípio metodológico da interação entre fé e vida” encontra-se em “O seguimento de Jesus Cristo e a ação evangelizadora no âmbito universitário” (CNBB, 2013) e em “Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários” (CNBB, 2017).

² DSD, n. 112.

1.2 Voluntariado como ação evangelizadora e como práxis de iniciação à vida cristã

No Estudo 102 (CNBB, 2013)³, *ações de voluntariado ou trabalhos voluntários*, entendidos como ação social solidária ou socioeducacional, denominam-se como uma das pistas para um trabalho de pastoral universitária (2013, n. 63). Dentre os objetivos (n. 8), a finalidade de tal ação pastoral é, sobremaneira, influenciar a vida universitária (n. 8), interligar estudo acadêmico e atividades para-acadêmicas, integrando fé e vida (ECE, n. 38). Assim, articular-se-iam pesquisa, ensino e extensão (CNBB, 1988, n. 122-124, 222-250, 278-291), (com) espiritualidade, reflexão-formação, ação social solidária ou socioeducacional (CNBB, 2013, n. 45-63; 1992, n. 19). Tais ações denotam, portanto, não ser algo *per se* (CNBB, 2011); de maneira oposta, isso conduziria a um narcisismo do voluntariado e a uma inserção acrítica (ARANGUREN GONZALO, 2011, p. 19, 12).

Nota-se que há um esforço para que se verifiquem a uma ampliação tanto do âmbito da pesquisa, do ensino e da extensão para os problemas concretos da sociedade, assim como a uma compreensão da experiência de fé cristã no âmbito universitário reduzida, por vezes, à dimensão pessoal e eclesial da fé. Deseja-se que tal compreensão alcance, de mais a mais, a dimensão espiritual, formativa e social da fé (CNBB, 2013, n. 8, 46, 58; ECE, n. 49). Tal esforço torna-se relevante quando se percebem hiatos entre o sistema educacional (pesquisa, ensino e extensão) e realidade social (ARANGUREN GONZALO, 2011, p. 121) e entre fé e razão, fé e ciência, fé e cultura.

A compreensão da fé, no ambiente universitário, implica, concomitantemente, espiritualidade, reflexão-formação universitária, ação solidária e luta pelo bem comum (CNBB, 2013, n. 61-62; ECE, n. 39), preferencialmente pelos pobres e pelos que sofrem injustiças econômicas, sociais, culturais e religiosas (ECE, n. 40). O compromisso social da universidade é um imperativo (CNBB, 1988, n. 142; DP, n. 1062). Por isso, no processo formativo universitário, é importante que qualquer experiência pastoral proponha engajamento social, ações de voluntariado e comprometimento pela construção de uma sociedade mais justa e mais humana (CNBB, 2013, n. 61).

A ação social solidária, que se dá pelo voluntariado, é uma forma de caridade (CNBB, 2013, n. 61), visto que o sentido visceral de caridade cristã nem é associado ao mero assistencialismo (ÁVILA, 1991, p. 34) nem está igualmente vinculado à falta de compromisso político (ARANGUREN GONZALO, 2011, p. 191-193; CNBB, 2013, n. 61; CV, n. 269). A ação solidária não é, do mesmo modo, reduzida a gestos caritativos, nem destituída de implicações políticas (LS, n. 128; CV, n. 269). Nesse caso, falsificar-se-ia o

³ CNBB, 1988; 1992; ECE, n. 49.

conceito de caridade cristã com a amputação da realidade social; antes, assumem-se formas do seguimento de Jesus Cristo e, em vista da promoção da justiça social, de implicações éticas, sociais e políticas (CNBB, 2013, n. 61-62). Enfim, ações de voluntariado são formas de caridade cristã, sob as quais se podem coadunar, no ambiente universitário, estudo acadêmico, atividades para-acadêmicas e atividades acadêmicas de extensão, integrando, à luz da fé cristã, vida, cultura e fé (CNBB, 1992, n. 98; ECE, n. 58), e, consoante a isso, podem-se formar profissionais que vivam a alegria do encontro com Jesus Cristo e sejam promotores de um mundo justo, fraterno, solidário e ecológico (CNBB, 1992, n. 98, 112; 2013, n. 6, 8, 61-62).

No Documento 107 (CNBB, 2017), cujos objetivos são revisar o processo de transmissão da fé cristã e construir novo paradigma pastoral de transmissão como projeto de vida (CNBB, 2017, n. 1-10, 134), o voluntariado *missionário* realizado por adolescentes e jovens é uma das indicações práticas propostas para a iniciação à vida cristã (CNBB, 2017, n. 157, 188). Ele propiciaria “uma experiência de doação de si aos que mais precisam, ao mesmo tempo em que despertaria maior sensibilidade para a justiça e a paz” (n. 208), ultrapassaria a sensibilização e o entretenimento, oportunizaria o crescimento espiritual, educaria para a responsabilidade pessoal e social, para a ética nas relações humanas, profissionais, afetivas e sexuais e para a orientação vocacional (CNBB, 2017, n. 208). Tal voluntariado é um dos modos de aprender da história e da realidade, discerni-las pastoral-teologicamente, promover a interação entre a fé em Cristo e a vida concreta pessoal, eclesial e social (CNBB, 2017, n. 206), inserir-se eclesial-socialmente no mundo como cristão.

Os Sacramentos de iniciação cristã, ora vistos de modo fragmentados, desconexos e independentes (CNBB, 2017, n. 44, 123-133, 144), ora desligados da vida comunitária, da pastoral de conjunto e do compromisso sociotransformador (n. 53) e da Doutrina Social da Igreja (CNBB, 2017, n. 188), ora identificados excessivamente com o catecismo, como algo noético, nocional, conceitual, de instrução intelectual, ensino da doutrina, ora colocados como tarefa passageira, precisam integrar-se entre si e com a vida cotidiana tanto *ad intra ecclesiae* quanto *ad extra ecclesiae* (RICA, 2011, n. 2-6, 14-40). Toda a vivência eclesial-social cristã é fruto da iniciação ao mistério do Cristo, confessado pessoal e eclesialmente e professado dia após dia, em situações concretas (AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 207-211; CNBB, 2017, n. 75-76).

A iniciação à vida cristã refere-se à adesão a Jesus Cristo, desencadeante de um caminho, no qual se dá o encontro com Ele (CNBB, 2017, n. 145). Ainda que, no Documento, se leia ser “preciso redescobrir a liturgia [dentre outros] como lugar privilegiado de encontro com Jesus Cristo” (n. 74), assinala-se que há uma urgência de modalidade operativa (n. 69) e de novo processo de iniciação à vida cristã (51-54) não reduzidos à realização de

tempos e etapas, de esquemas rígidos e uniformes, de itinerários e rubricas (n. 57), não reduzidos ao anúncio da Palavra (Escritura), à celebração eucarística (liturgia), à vida eclesial (comunidade); ao contrário, a iniciação ao seguimento *in actu* de Jesus Cristo deve conduzir, ademais, a atitudes concretas e a testemunhos transformadores de estruturas desumanizantes e injustas (CNBB, 2017, n. 68; RICA, 2011, p. 19-27). Assim, propõem-se iniciação à vida cristã e formação contínua com inspiração catecumenal (CNBB, 2017, n. 70-104). Nesse itinerário de acolhida do mistério de Deus, a pessoa precisa ser iniciada a ser “neófito permanente” (n. 99, 136), por meio de experiências (n. 79) e de itinerários catequéticos adaptados às várias idades (n. 121) que a toquem profundamente e a impulsionem à sua conversão progressiva e contínua (n. 79), à participação na comunidade eclesial e ao engajamento na transformação social (n. 110).

Resulta que diversos textos indicam, sem mais, o voluntariado como um dos indicativos pastorais para a urgência de repensar a ação evangelizadora e a inserção em contextos tanto juvenis universitários como iniciáticos-cristãos. **(1)** Que tipo de experiências de voluntariado compendiaría, de modo tempestivo e gradual, catequese permanente, de inspiração bíblica (Lc 10, 25-37; DCE, n. 26-29), litúrgica (DCE, n. 26-29; DD, n. 3-6), de compromisso apostólico de serviços aos demais (CNBB, 2011, n. 85-120; ChL, n. 2; RMi, n. 85; CA, n. 51; PDV, n. 40; DCE, n. 26-29; CV, n. 170), que se manifesta, sobretudo, no amor fraterno (CV, n. 163), na *diakonia* (DCE, n. 26-29) e na construção do bem comum e da amizade social (CV, n. 183)?; **(2)** Que tipo de experiências de voluntariado poderia, assim, levar os jovens ao encontro pessoal com Jesus Cristo (Mt 25,31-46) e a seu seguimento (CNBB, 2017; CV, n. 177), no qual se engendram, discernidamente, projeto de vida cristã e participação eclesial-social (CNBB, 2007, n. 94; DAp, n. 294; PDV, n. 40), superação da assimetria estrutural entre fé teológica cristã e cotidiano (CNBB, 2007, n. 142, 149, 177; 2009, n. 112-113) e configuração progressiva entre vida e profissão de fé cristã (CNBB, 2007, n. 94; ChL, n. 2)?; **(3)** Que tipo de experiências de voluntariado inseriria, enfim, os jovens em um itinerário contínuo, histórico-escatológico, de interação entre a vivência atual da fé cristã e o dado da Escritura e da Tradição viva da Igreja (CNBB, 2007, n. 142, 149, 177), de modo a ressignificar as ideias de caridade e de assistencialismo, integrando-as, à luz do seguimento de Jesus Cristo e da centralidade do Reino de Deus, à cultura da cidadania, da participação e da solidariedade sociais?

Nossa hipótese é a de que, em um voluntariado em situações de vulnerabilidade e exclusão social como tipo de inserção social cristã para jovens **(2)**, lido a partir do método teológico de J. Sobrino **(3)** como lugar histórico-pastoral e lugar histórico-teológico **(4)**, interligar-se-iam conhecimento e seguimento de Jesus Cristo, engajamento eclesial e ação social cidadã e solidária cristãos e reflexão histórico-pastoral-teológica (CNBB, 2007, n. 94; 2009, n. 112-113; 2017).

2 O fenômeno social do voluntariado em contextos de exclusão social

O fenômeno social do voluntariado, em contextos de exclusão social, faz referência a instituições historicamente vinculadas à ação social, que atuam como impulsoras de iniciativas sociais, desde uma consciência solidária a uma transformação do tecido social. Esse fenômeno resultou de processos histórico-políticos, construções jurídicas e aspectos culturais. Ele desdobra-se em práticas individuais, em organizações de solidariedade e em movimentos sociais e domicilia-se em cenários do Estado, do mercado e dos mundos vitais (GARCÍA ROCA, 1992; 2002; ZAMAGNI, 2014, p. 121-122). A insuficiência da política, do direito e da economia para a constituição do bem comum e a falta de garantia de direitos e da participação social inclusiva reclamam a constituição de espaços sociais de relações pessoais e solidárias, que sobrepujem a lógica administradora do poder político, a lógica reguladora da lei e do mercado do dinheiro. Torna-se um voluntariado maduro, que se compreende como exercício de cidadania ativa, de participação e de solidariedade (2.1) e como operatividade do dom assistencial, preventivo e promocional (2.2).

2.1 Voluntariado maduro: exercício da cidadania ativa, participação social e solidariedade

O voluntariado maduro constitui-se de aquisições *da cidadania ativa*, de participação social e solidariedade (GARCÍA ROCA, 1994, p. 60-62; 1999, p. 16; 2004, p. 15-17; 2007, p. 23-28).

Como exercício de cidadania civil, o voluntariado alude à constituição existencial do indivíduo adulto e à participação ativa livre, não coercitiva, como uma realidade individual e autônoma; como exercício da cidadania política, alude à política da vida cotidiana, à consciência de governabilidade, ao direito de participação em assuntos que lhe afetam, em movimentos, em organizações, em associações de defesa e de promoções sociais; finalmente, como exercício da cidadania social, alude ao reconhecimento de direitos juridicamente reconhecidos, estendendo-os às esferas social, econômica e cultural, postulando benefícios para grupos humanos mais frágeis e excluídos em níveis pessoal, local e global. Esse voluntariado, como exercício de cidadania ativa responde ao exercício da liberdade de ser cidadão, assume sua responsabilidade e participa na construção de uma sociedade inclusiva e cooperativa (BRAVO TISNER, 2011, p. 135-137).

O voluntariado constitui-se, ademais da *cidadania ativa* (civil, política, social), de participação social. A etimologia da palavra “participação” sugere dois significados fundamentais: “ser parte de” e “tomar parte numa ação” (CAMPO SÁNCHEZ, 1996, p. 157-158; RENES AYALA; LÓPEZ SALAS, 2011, p. 83). “Ser parte de” denota alguém, vinculação a algo, pertença a

um grupo (GARCÍA ROCA, 2004, p. 67). Assim, “ser parte de” evidencia uma realidade constitutiva do ser humano, que é prévia à sua vontade e que lhe outorga pertença. Trata-se do húmus que liga o ser humano a uma família, a uma comunidade e a uma cultura. Por seu turno, “tomar parte numa ação” remete à liberdade, à singularidade e à criação. Trata-se das responsabilidades assumidas. Se, de um lado, não se podem eleger os pais (perspectiva genética e histórica), de outro lado, porém, podem-se eleger amigos, igrejas, partidos políticos. Podem-se, enfim, eleger entre opções, de modo que “tomar parte numa ação” é um elemento da vontade que se ativa de forma deliberada. Refere-se à incorporação ativa em uma ação mediante decisões voluntárias: “pôr vontade à ação, e ação à vontade” (GARCÍA ROCA, 1994, p. 50). Segundo García Roca, “a participação significa intervir nos processos econômicos, sociais, culturais e políticos que afetam suas vidas. Participar converte-se, desse modo, em coparticipar e em consentir. É um elemento da vontade que se ativa de forma deliberada e autônoma” (2004, p. 67). A simbiose de ambas as dimensões, “ser parte de” e “tomar parte numa ação”, conforma a identidade pessoal e coletiva de participação: pertencer (fazer parte) comporta colaborar (tomar parte). Ambas constituem a participação: toma-se parte enquanto se é partícipe.

Ademais do exercício de cidadania e de participação social, o voluntariado forma-se, de resto, pela *solidariedade* (GARCÍA ROCA, 1994, p. 62-65; 1999, p. 17; 2004, p. 18-22; 2007, p. 26-28). Para García Roca, solidariedade é um modo de ser e de compreender-se como ser humano, um dinamismo de dar e receber, um movimento de ida e de volta. Nesse sentido, três atributos da solidariedade avolumam-se à fisionomia do voluntariado como exercício de *cidadania ativa* (civil, política, social) e como exercício de participação social (dignidade social; de sentido pessoal; de sociabilidade local, regional, global; de uma sociedade inclusiva como mundo possível): o da compaixão; o do reconhecimento; o da universalização. Esses atributos geram simultânea e relacionalmente três modalidades de voluntariado (GARCÍA ROCA, 1994, p. 62-65; 2004, p. 133-134, 152; LAGUNA, 2011), ou um modo de ação guiada pela *operatividade social do dom* (DOMINGO MORATALLA, 2013; 2014, p. 129-159; MADRID, 2001): o assistencial (contexto individual), o de reabilitação ou preventivo (contexto imediato, local, comunitário), o de promoção da organização social (contexto estrutural).

2.2 Voluntariado maduro: operatividade do dom assistencial, preventivo e promocional

O voluntariado assistencial refere-se ao desenvolvimento de mediações para manter vivo o sujeito, reduzir riscos imediatos, atender a necessidades iminentes, erradicar sem demora situações de miséria. Ainda que o próprio Bento XVI tenha afirmado que o imperativo cristão de amor ao próximo não pode se dissolver em uma organização assistencial comum (DCE, n. 31), pode haver, no voluntariado assistencial, uma tendência ou tentação

a reduzir a opção ou o serviço da caridade à sua dimensão assistencial: “visitar doentes, idosos e encarcerados; distribuir alimentos e roupas; socorrer pessoas em suas necessidades imediatas e cotidianas etc. Sem dúvida, isso é necessário e é evangélico. Mas nem suficiente nem esgota o serviço da caridade ou a opção pelos pobres” (AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 214). De um lado, deve-se fazer o possível para colocar à disposição os correlativos meios para as necessidades imediatas; de outro lado, não devem limitar-se a executar a ação conveniente às necessidades imediatas.

O voluntariado reabilitativo ou preventivo trata de desenvolver mediações para ativar a autonomia pessoal, potencializar a autodependência, recuperar faculdades inertes, superar/ultrapassar o assistencialismo, exceder a solidariedade imediata. É impensável o voluntariado sem a participação ativa dos assistidos e sem a promoção da autonomia reivindicativa e cidadã (FALCÓN, 1997, p. 13). A autonomia pessoal é dadora de autossuficiência, de autorrealização e de responsabilidade social (GARCÍA ROCA, 2004, p. 89): orienta-se a favorecer a satisfação de necessidades vitais (autossuficiência); orienta-se a satisfazer e a expandir as próprias aspirações e os desejos (autorrealização). Boas ações ativam as capacidades das pessoas, avivam consciência, vontade, imaginação, sensibilidade, criatividade, confiança, organização, ajuda mútua (GARCÍA ROCA, 1994, p. 51). Postula-se pela expansão de suas potencialidades humanas para o bem próprio e dos outros, por meio da qual a pessoa autorrealiza-se, torna-se sujeito de colaboração e responsável por seu entorno. A intervenção social promove a responsabilidade, por exemplo, com respeito à família, à comunidade e aos cidadãos, e desenvolve o compromisso ético. O voluntariado reabilitativo assinala, enfim, a finalidade e o horizonte da intervenção social de ser promotora de dignidade pessoal e contextual.

O voluntariado de promoção da organização social trata de desenvolver mediações para evitar a exclusão social, prevenir processos de criação, conservação e reprodução de marginalização e para remover simultaneamente mecanismos subjetivos, contextuais e de organização e de regulamentação estruturais do sofrimento humano: costumes, mentalidades, regras, normas, leis e instituições (econômicas, familiares, sexuais, sociais, educativas, religiosas, políticas, jurídicas, coercitivas). Mediante isso, o voluntariado assistencial atenta-se à dimensão humana da necessidade inclusiva imediata. Não se trata, porém, nem de ação benéfica sem consciência crítica, nem de ajuda assistencial sem conquistas de direitos. O voluntariado de reabilitação/preventivo aplica-se à dimensão individual da necessidade de integralidade dos direitos humanos, não se referindo, todavia, à filantropia contextual sem vontade de transformação estrutural. O voluntariado de promoção empenha-se, enfim, na transformação da dimensão estrutural da necessidade de organização social cooperante. Há, portanto, a passagem da caridade assistencial para a caridade social e para a caridade política – “amor solidário” (EG, n. 189), “amor social” (FT, n. 180-182; SÁENZ

DE NAVARRETE, 2010, p. 177). O voluntariado educa, portanto, para a solidariedade (DCE, n. 30), para o amor operativo (DiM, n. 3).

Esse voluntariado maduro compendia-se, então, de elementos de *cidadania ativa* (civil, política, social), do exercício de *participação social* (dignidade social; de sentido pessoal; de sociabilidade local, regional, global; de uma sociedade inclusiva como mundo possível) e da cultura da solidariedade (compaixão, reconhecimento, universalização).

A criação desses espaços de voluntariado em contextos de vulnerabilidade social é de mesma origem da ação voluntária: ela contribui para o bem-estar da comunidade e para a qualidade de vida dos demais; empenha-se para modificar e erradicar as causas da necessidade e da marginalização sociais (RENES AYALA, 1989, p. 435-448); envida-se para reduzir a fragilidade das pessoas, para amortizar a vulnerabilidade dos contextos de exclusão e para promover uma sociedade convivencial e humana, uma cultura da cidadania, da participação e da solidariedade (GARCÍA ROCA, 1994; 2004). Como sujeito social, ora como indivíduo, ora como movimento cidadão e pessoa jurídica (GARCÍA ROCA, 2002, p. 85-86; 2011, p. 79-97), o voluntariado gera relações e interações dignas, cria vínculos sociais, recria o processo de solidariedade por assistência, por reabilitação e por promoção, ativa a cooperação entre cidadãos como modo de realizar-se com e para os demais, promove a amizade social. Lido desde o método teológico de J. Sobrino (3), torna-se voluntariado maduro no mundo dos pobres como lugar histórico-pastoral e histórico-teológico (4).

3 Mundo dos pobres como realidade histórico-pastoral e histórico-teológico

J. Sobrino defende que a realidade histórica do mundo dos pobres concerne a uma realidade histórico-pastoral e histórico-teológico (GS, n. 4, 11; SOBRINO, 1995, p. 120-121; SUSIN, 2000, p. 169). Ela irrompe para o cristão como *ubi* categorial, lugar concreto enquanto geográfico-espacial, e como *quid* (SOBRINO, 1988, p. 243; 1994a, p. 38-40), realidade substancial, na qual o quefazer teológico deixa-se afetar, dá que pensar, deixa-se questionar-se, capacita a pensar, deixa-se mover-se, ensina a pensar (1988, p. 243; 1994a, p. 44-48).

3.1 Realidade histórico-pastoral e histórico-teológico em J. Sobrino

Para J. Sobrino, na realidade histórico-pastoral do mundo dos pobres, evidenciam-se “acontecimentos, exigências e desejos (...) o mundo em que vivemos, suas esperanças, suas aspirações e o viés dramático que com

frequência os caracteriza” (GS, n. 4). São acontecimentos que caracterizam uma época, exigências e aspirações do tempo presente, logo, realidades históricas; portanto, seu discernimento é necessário e indispensável, uma vez que disso depende o exercício relevante de serviço eclesial no mundo atual. A finalidade do discernimento é pastoral. Nessa mesma realidade, evidenciam-se “sinais verdadeiros da presença ou dos planos de Deus” (GS, n. 11; SOBRINO, 1989, p. 286), ou seja, referem-se a realidades históricas que se demonstram, então, como mediação ou da presença ou dos planos de Deus no hoje da história (SOBRINO, 1994a, p. 35), a que ele designa realidade histórico-teológica do mundo dos pobres. Segundo J. Sobrino, “evidentemente isso não quer dizer que a teologia ignore a palavra de Deus do passado ou lhe dê menos valor. Trata-se antes de compreender a ambas, interpretando circularmente uma a partir da outra” (1989, p. 287). Isso “significa que a teologia deve estar ativamente aberta à possibilidade de que Deus fale no presente, a que a própria Palavra de Deus atualize as virtualidades de sua palavra já revelada, a que – se o conteúdo de sua palavra fosse substancialmente o mesmo – seja Deus quem o volte a repetir” (1989, p. 287). Para nosso autor, o mundo dos pobres o é por sua massividade e por sua base escriturística. O quefazer teológico sobriniano leva a sério, eclesial-social e bíblicamente⁴, o mundo dos pobres e dos empobrecidos, como lugar eclesial-social dos seguidores de Jesus Cristo (acepção histórico-pastoral) e como lugar da manifestação ou da presença ou dos planos de Deus (acepção histórico-teológica) (SOBRINO, 1994a, p. 16; VIGIL, 2007, p. 298-299)⁵.

O estar frente a frente com a realidade histórico-pastoral do mundo dos pobres e dos empobrecidos fez o jesuíta teólogo reagir, movido pela misericórdia, à irrupção de uma realidade histórico-teológica de sofrimento (SOBRINO, 1986, p. 253), fê-lo reler suas causas e assumi-la, configurou seu modo de seguir a Jesus Cristo, convergiu sua reflexão teológico-cristã, precisou continuamente seus conteúdos. Sua tarefa de cristão teólogo tornou-se a de “levar a sério tanto a revelação e fé cristãs como a situação histórica, de modo que am-

⁴ Diz-se eclesial-socialmente, porque “encontra sua justificação teológica nas afirmações do magistério episcopal em Medellín e Puebla e no ‘*sensus fidelium*’ de boa parte do povo de Deus” (SOBRINO, 1989, p. 289). Levar a sério eclesial-socialmente traduziu-se no *sentir com e na Igreja* a opção preferencial pelos pobres. Diz-se bíblicamente, “em primeiro lugar, porque esse sinal dos tempos não contradiz a revelação de Deus na Escritura; pelo contrário, a potencializa e ajuda a encontrar eficazmente nos momentos fundantes da revelação (Êxodo e Lc 4, 18) um sinal semelhante por meio do qual Deus (e seu Filho) se manifestam” (1989, p. 289).

⁵ Nota-se que o quefazer teológico sobriniano rejeita tanto reduzir a explicação da revelação de Deus ao passado (Teologia dos textos) sem confrontar-se com a revelação de Deus enquanto Deus no presente (Teologia dos testemunhos), como discernir a manifestação atual de Deus sem deixar-se verificar pelas fontes escriturísticas, pela Tradição eclesial e pelo Magistério pontifício. O presente é tanto o lugar de compreensão do já dado e transmitido como o lugar onde o dado dá, *em reserva*, mais de si. De fato, o quefazer teológico sobriniano compagina a realidade histórica e realidade teológica, na qual se crê que Deus e Cristo fazem-se historicamente presentes (SOBRINO, 1994a).

bas iluminam-se e potenciam-se mutuamente” (1989, p. 285), a de “captar essa realidade [sinal dos tempos] como Palavra atual de Deus, de cotejar dialeticamente a atual realidade com a revelação de Deus no presente e com que afirmam a respeito a Escritura, a Tradição e o Magistério eclesial” (1989, p. 290-291) e a de configurar-se ao redor dessa Palavra; a de “elear a conceito teológico a realidade atual no que esta tem de manifestação de Deus e de resposta e correspondência na fé a essa manifestação” (1989, p. 289). Enquanto intelecção de uma práxis de misericórdia primordial e enquanto anúncio testemunhal do *eu-aggelion* diante de um mundo sofredor, o quefazer teológico sobriniano “não se concebe como algo absolutamente autônomo com respeito à tarefa fundamental humano-cristã” (1989, p. 293); ao contrário, sua intelecção está, pessoal e eclesialmente, a serviço da misericórdia em um mundo sofredor.

Para o teólogo espanhol, trata-se da incumbência humana e cristã de debelar o sofrimento, causado pelo pecado em seu aspecto objetivo e em seu aspecto subjetivo (ERNESTO VALIENTE, 2013, p. 668-673), e propiciar vida e fraternidade (SOBRINO, 1988, p. 258-259; 1995, p. 127). Esse modo de responder e corresponder na fé é propellido pela misericórdia cristã, “entendida como reação do sujeito ante o sofrimento alheio pelo mero fato de que exista tal sofrimento” (1989, p. 291), como algo primeiro e último, à maneira da realidade misericordiosa do Pai (Lc 15, 11-32), de Jesus Cristo (Mc 10, 36-42) e do ser humano cabal (Lc 10, 25-37). Dessa forma, o *mínus* do teólogo é o *mínus* do cristão: seguir e prosseguir a vida de Jesus Cristo. Dessa forma, o quefazer teológico do cristão tornou-se exercício de misericórdia cristã no mundo dos pobres como lugar histórico-pastoral e lugar histórico-teologal.

3.2 O mundo dos pobres como lugar histórico-pastoral e histórico-teologal

O mundo dos pobres e do testemunho dos seguidores *in actu* de Jesus Cristo e a misteriosa presença do Filho neles (Mt 25,31-46) e do Pai (Jo 14,7-9) irromperam para J. Sobrino (2011a, p. 45-67). Segundo ele, “para os crentes, a irrupção significou, historicamente, (1) chegar a tomar consciência de um Jesus com contornos específicos, (2) permanecer imbuídos de um espírito semelhante ao seu e (3) permanecer configurados pela disposição para uma práxis de acordo com Jesus” (SOBRINO, 2011a, p. 49).

De um lado, essa irrupção o despertara, conforme ele mesmo relatou em tom autobiográfico (SOBRINO, 1992, p. 11-28; 2011b, p. 87-104; SUSIN, 2000, p. 153-170), do sono de inumanidade para nova compreensão acerca da realidade histórica, eclesial, social e teologal do ser humano, dos seguidores *in actu* de Jesus e do mistério intratrinitário (SOBRINO, 1981, p. 173; 1986, p. 247-281); de outro lado, tal irrupção reconfigurou o caráter cognoscitivo, ético e prático de seu ser cristão teólogo (SOBRINO, 1986, p. 242-274; 1988, p. 258).

Desde sobredita realidade dos materialmente pobres (acepção econômica), dos dialeticamente pobres, empobrecidos e oprimidos (acepção sociológica), dos consciente, ética e espiritualmente pobres (acepção histórico-cristã), dos prediletos de Deus e nos quais Cristo faz-se presente (acepção histórico-teologal), pôde inteligir, à maneira responsorial, ética, práxica e agradecidamente seu ser cristão teólogo, assumindo, como Jesus Cristo, tal realidade profunda (dimensão ética; princípio-realidade), responsabilizando-se, como Jesus Cristo, por ela (dimensão práxica; princípio-jesuânico), deixando-se, como Jesus Cristo, carregar por ela (dimensão de uma inteligência agradecida; princípio-reciprocidade de dons) (SOBRINO, 2008, p. 323-327). O fundamental dessa irrupção evangélico-eclesial consistiu no fato de que sua reconhecida tarefa teológica como chamado e resposta (projeto de vida) afigurou-se como *intellectus fidei-misericordiae*, cuja finalidade é prosseguir a vida de Jesus Cristo, enquanto cristão teólogo, desde um mundo sofredor (SOBRINO, 1998, p. 3-15), praticando a justiça, amando a bondade, caminhando com Deus, descendo os pobres da cruz (Mq 6,8; SOBRINO, 1986, p. 74-75; 1994b, p. 27-28).

Tal mundo é um dos lugares históricos de revelação de Jesus Cristo, pois, de um lado, sua vida, missão, destino e ressurreição evidenciam sua parcialidade pelos pobres e, de outro lado, Jesus é o sacramento histórico da opção de Deus pelos pobres, sua máxima historicização (Fl 2, 5-11; ELLACURIA, SOBRINO, 1990, p. 461, t. 2). Com isso, a realidade histórica do mundo dos pobres ganha radical ultimidade, histórica e teologal (SOBRINO, 1988, p. 248; 1995, p. 121; 2004, p. 73). A correlação transcendental entre revelação de Deus e clamor dos pobres (correlação bíblico-revelatório e histórico-atual entre Deus e os pobres), histórica, acontecida de forma definitiva e irrevogável em Jesus Cristo, transmitida pela Tradição eclesial, interpretada pelo Magistério eclesial (DP, n. 31-39), refere-se tanto ao passado como ao presente (Is 52,13 – 53,12; ELLACURÍA, 2000, p. 137-170, t. 1; SOBRINO, 1994a, p. 19-32; 2007, p. 132-156).

Dado nosso objetivo de correlacionar a compreensão de voluntariado para jovens no Documento 85 da CNBB (2007) com os princípios do método sobriniano “o mundo dos pobres como lugar histórico-pastoral e histórico-teologal”, o voluntariado maduro para jovens no mundo dos pobres torna-se dom histórico-teologal e tarefa histórico-pastoral⁶. A partir

⁶ Para aprofundar os princípios do método sobriniano, ver SEVERINO, E. R. *Voluntariado para jovens no documento 85 da CNBB: uma abordagem eclesial-social-teologal a partir dos princípios do método teológico de Jon Sobrino*. Orientador: Prof. Dr. Francisco das Chagas de Albuquerque. 2022. 360 p. Tese (Doutorado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, Departamento de Teologia, 2022. Disponível em: <http://www.biblioteca.asav.org.br/biblioteca/index.php?id=FAJE>. Acesso em: 10 out. 2023. Nossa hipótese de que o *modus procedendi* do método pastoral-teologal sobriniano possibilitou repensar teologicamente o voluntariado, a inserção social em situações de exclusão social (Capítulo 1), estimulou-nos à explicitação da gramática do itinerário reflexivo-teológico de J. Sobrino, qual seja, o quefazer

do *modus procedendi* histórico-pastoral-teologal, interligam-se concomitantemente conhecimento de Jesus Cristo (dom), engajamento eclesial e ação social solidária cristãos (tarefa), superam-se as assimetrias entre fé teologal, pessoal e eclesial, e cotidiano, entre vivência atual e o dado da Escritura e da Tradição.

4 Voluntariado maduro para jovens no mundo dos pobres: lugar histórico-pastoral-teologal

No voluntariado em contextos de exclusão social, implicam-se, concomitantemente, dinâmicas de exercício de cidadania ativa, de participação social e de solidariedade. Como sujeito social, ora como indivíduo/cristão, ora como movimento cidadão/comunidade, ora como pessoa jurídica/instituição, geram-se relações e interações dignas, criam-se vínculos sociais, recria-se o processo de solidariedade por assistência, por reabilitação e/ou por promoção, ativa-se a política cooperativa entre cidadãos como modo de realizar-se com e para os demais, promove-se a amizade social. Lido desde o momento histórico-pastoral e histórico-teologal sobriniano, o voluntariado maduro no mundo dos pobres (4.1) é tarefa e dom, dom e tarefa (4.2).

4.1 Voluntariado maduro no mundo dos pobres: tarefa e dom

O voluntariado maduro no mundo dos pobres não mais é do que expressão concreta da opção preferencial pelos pobres. Enquanto tal, ele é referendado como um dos meios efetivos dessa parcialidade eclesial histórico-pastoral (ChL, n. 41, 42, 53; RMi, n. 72; CA, n. 49, 57; EG, n. 193; DAp, n. 47). O voluntariado tem, por extensão, raízes na revelação bíblica, prossegue na vida da Igreja (ELLACURÍA, SOBRINO, 1990, p. 303-321, t. 1; AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 37-46; 2019, p. 167-178), de modo que o fenômeno social do voluntariado maduro como forma solidária de participação social (princípio realidade) no mundo dos pobres (princípio parcialidade) resulta em um modo histórico-pastoral de *encargarse de uma realidade social injusta*, de *sentir com e na Igreja* (CNBB, 2021, p. 17-29; 2007). O voluntariado maduro “se insere, desde a fé, numa necessária opção preferencial pelos pobres, pelos oprimidos e marginalizados”, afirma dom Ramón Echarren

teológico desde o seguimento de Jesus em um mundo sofredor como *intellectus fidei-misericordiae-gratiae* (Capítulo 2). Tal gramática determina-se, por consequência, pela opção pelos pobres no mundo dos pobres (princípio-parcialidade), avaliza-se pela experiência de captar a Palavra atual de Deus nessa realidade (Capítulo 3), testifica-se pela experiência de configurar-se, pessoal e eclesialmente, ao redor dessa Palavra (Capítulo 4), concentra-se predominantemente na novidade que a realidade histórico-pastoral-teologal (GS, n. 4§1, 11§1) introduz em sua vocação de cristão teólogo (Capítulo 5).

(1989, p. 463). Assim, todo cristão deveria ser voluntário social (SÁENZ DE NAVARRETE, 2010, p. 168-194), anunciador da Boa-nova, suscitar uma comunidade alternativa inspirada no Reino de Deus, ter atitude contínua de serviço, partilhar o sofrimento alheio, ter uma incidência consequente e participar da construção do Reino. Todo cristão deveria priorizar o promocional sobre o assistencialismo/paternalismo, dar e receber, evangelizando por contágio, sem proselitismo⁷, e, reciprocamente, sendo evangelizado.

O voluntariado maduro como forma solidária de participação social no mundo dos pobres é um dos modos de solidariedade profunda e permanente de inserção cotidiana e um dos lugares onde os jovens podem ser copartícipes do dinamismo da doação e da oferta de humanização pessoal e societária como tarefa cristã pelo Deus do Reino (ELLACURÍA, SOBRINO, 1990, p. 308-310, t. 1). Enquanto tal, a forma solidária de participação social do voluntariado maduro como sujeito social identifica-se com o dinamismo da doação e da solidariedade, distanciando-se cada vez mais, a partir de dentro, da lógica do intercâmbio mercantil, da lógica do direito administrativo-legislativo e da lógica apolítica (GARCÍA ROCA, 1994, p. 105-114; 2004, p. 183-185). O voluntariado maduro é um agente de transformação.

Essa forma solidária de participação social aparece como colaboradora de programas estatais de prestações de serviços e como colaboradora de profissionais. Há, de um lado, bens que devem tanto ser administrados pelo Estado como ser deixados às preferências individuais no contexto do mercado; há, de outro lado, bens que não podem ser nem administrados pelo Estado nem submetidos à lógica do mercado. Na medida em que a lógica mercantil cria espaços mercantilizados, que se estruturam sobre a negociação contratual regulada por acordos ou convênios (GARCÍA ROCA, 1994, p. 107), e a lógica administrativa cria espaços administrados, que se estruturam sobre a função reguladora e distribuidora de bens e de serviços, o voluntariado maduro oferece, em contrapartida, bens sociais caracterizados pela proximidade, pelo abraço e pela relação solidária (bens relacionais) e configura relações humanas assimétricas, baseadas na doação altruísta livremente realizada (BRAVO TISNER, 2011, p. 139; GONZÁLEZ, 2011, p. 177-188).

Nesse sentido, a ação voluntária leva cada setor a transcender a si mesmo (GARCÍA ROCA, 1994, p. 166-167): o público, de suas inércias burocráticas; o mercantil, como único motor de produção, de consumo e de distribuição, é questionado; o imediato e o reabilitativo são sobrepujados pelo estrutural e pelo universal; o apolítico, pelo bem comum. Ademais, essa ação voluntária tem, ao mesmo tempo, seu componente de ação social e

⁷ ALTABA GARGALLO, 2011, p. 178-202; BUENO DE LA FUENTE, 2001, p. 88-93; RAMÓN ECHARREN, 1989, p. 463-478; SANTABÁRBARA, 2009, p. 195.

de ação política: melhora as condições de vida das pessoas e dos povos e, formando um *nós* rico, grande e inclusivo, constrói possibilidades de vida em comum (ARANGUREN GONZALO, 2011, p. 179-180). O contato com os empobrecidos leva à busca por melhores condições de vida para eles, e isso passa por medidas políticas e por justiça social (2011, p. 228).

O voluntariado é tarefa e dom histórico-pastoral-teologal: tarefa, enquanto agente de transformação, tipifica-se como ação gratuita, desdobra-se em uma relação solidária; é dom, enquanto oferta de humanização pessoal e societária, é escola humanizadora da vida e escola de cidadania ativa. Trata-se, enfim, de uma forma solidária de amor operativo (DiM, n. 3), de participação social no mundo dos pobres, que é um dom histórico-teologal da filiação, da fraternidade e da revelação do Dom⁸.

4.2 Voluntariado maduro no mundo dos pobres: tarefa e dom, dom e tarefa

Decerto, a forma solidária do voluntariado maduro no mundo dos pobres torna-se um espaço de participação social (exercício da cidadania, de participação, de solidariedade) e de transformação social como oferta de humanização pessoal e societária (ARANGUREN GONZALO, 2011). A experiência de encontro com a realidade do mundo dos pobres é uma interpelação a sair da própria mentalidade presumida de esquemas prévios, de preconceitos, assim como deixar-se tocar pelo outro em situação de dor, de sofrimento, de injustiça, de solidão. Produzidos historicamente, esses esquemas prévios convertem, contemplativamente (EE, n. 230-237), os sentidos (ARANGUREN GONZALO, 2011, p. 218-219).

O compromisso voluntário move-se no encontro com o outro, segregado e expulso de nosso mundo rico. Ademais, nele, privilegia-se o acontecimento do encontro como elemento central da intervenção social e como elemento que deve vertebrar a ação formativa (ARANGUREN GONZALO, 2011, p. 141), na qual se constatarem os fatos, se entendem sentimentos, se estabelecem relações, se aprende, se cultivam atitudes, se desenvolve a gratuidade de dar, do dar-se, de devolver, do receber (ARANGUREN GONZALO, 2011, p. 123-124; DCE, n. 35), que enrique a ambos e humaniza a todos (GINER DE GRADO, 1996, p. 146-147; LLUCH FRECHINA, 2014, p. 41-44). Para além, o voluntariado maduro no mundo dos pobres é, não a par do voluntariado maduro como forma solidária de participação social para jovens no mundo dos pobres como lugar histórico-pastoral, mas com todo ele, uma maneira de encontrar-se preferencialmente com o Senhor e uma forma de vida segundo o Espírito de Jesus. É dom e tarefa; é tarefa e dom!

⁸ Ex 3, 7-10; Mt 9, 35-36; Lc 4, 16-19; M Mi, n. 20; D Ap, n. 47; 383; 394; SOBRINO, 1994a; 1999.

4.2.1 Voluntariado maduro no mundo dos pobres: lugar histórico-teológico

Lido desde o lugar histórico-teológico, os pobres do voluntariado maduro são um dos lugares da experiência espiritual de encontro com Jesus Cristo vivo (Mt 25, 31-46; EAm, n. 52; 58)⁹. Jesus Cristo, que veio por eles (Lc 4,18; 6,20; ChL, n. 13; RMi, n. 13-15), identifica-se com eles (Mt 25,31-40; ET, n. 17; SRS, n. 43; CA, n. 57; PDV, n. 49; NMI, n. 49; MMi, n. 21), solidariza-se com eles (VD, n. 99) e neles vive (Mt 25,40; EcE, n. 6; EG, n. 197-198). De Cristo, os pobres são um ícone (PG, n. 69) e prolongam, permanentemente, o mistério de sua encarnação (Mt 25,40; LG, n. 8; GELABERT BALLESTER, 2013, p. 146). “Quem quer que esteja em condições de necessidade ou situação desumana encontra-se por isso mesmo unido estreitamente a ele, toma parte na sua realidade pessoal”, dirá Barbaglio (2002, p. 371-372) Papa Francisco chega a afirmar que “sua carne torna-se de novo visível como corpo martirizado, chagado, flagelado, desnutrido, em fuga (...) a fim de ser reconhecido, tocado e assistido cuidadosamente por nós” (MV). A opção preferencial pelos pobres tanto de Jesus Cristo como de seus (pros)seguidores é, logo, algo constitutivo da fé cristã (DAp, n. 392). Funda-se na confissão de fé no mistério da encarnação (Fl 2,5-11), do ministério de Jesus (Lc 4,16-19) e na identificação d’Ele com os pobres e necessitados (Mt 25,31-46).

Sendo um dos lugares espirituais de encontro com aqueles com os quais o Senhor identifica-se, o voluntariado maduro como forma solidária de participação não mais é que, como Jesus, se inclinar à filiação, à fraternidade, à amizade social, à vida, enfim, segundo o Espírito. Ela encarna-se em meio a tendências do mundo atual que dificultam o desenvolvimento da fraternidade e da amizade sociais (FT, n. 9-55). Essa participação, constitutiva da vida cristã segundo o Espírito, é um modo de *sentir na e com a Igreja* a inseparabilidade de ser filho e de ser irmão, “duas facetas de uma única e mesma realidade” (FÉDOU, 2002, p. 129). Essa graça da vida filial e fraterna segundo o Espírito do Senhor, concedida por Deus-Pai nos Sacramentos de iniciação à fé cristã, é um projeto histórico concebido como um advir, um tornar-se jamais inacabado, uma aventura sempre re-proposta, uma ventura assumida, uma resposta sempre a dar, uma graça a pedir sem cessar para o outro, para nós e para si.

A experiência de tornar-se, concomitantemente, filho e irmão, inseparável, reconhecendo que o ser filho adotivo do Pai em e por Cristo constitui um deslocamento contínuo da experiência da filiação individual à fra-

⁹ Outros lugares de experiência espiritual de encontro pessoal com o Senhor: na Escritura, lida à luz da Tradição e do Magistério (EAm, n. 8); na oração pessoal e litúrgica. *In persona Christi*, nos Sacramentos, na proclamação da Palavra, na comunidade litúrgica, nas espécies eucarísticas (EAm, n. 9, 12, 29); nas pessoas (EAm, n. 11).

ternidade ilimitada (FT, n. 57-62; PP, n. 44-45). Como dom do Espírito, a graça suplicada da inseparabilidade entre filiação e fraternidade é, desde a iniciação cristã, concedida como experiência litúrgico-eclesial, enquanto experiência pessoal de escuta da Palavra de Deus e exercício da misericórdia consequente no mundo dos pobres¹⁰. Acontece então, no mundo dos pobres, o que J. Sobrino chamou *irrupção epistemológica de uma realidade profunda* (olhos novos para ver a realidade, olhos novos para ver a verdade dos seres humanos e de Deus). Tornar-se filho adotivo é inseparável de tornar-se irmão adotivo (SEVERINO, 2016, p. 55-80).

No voluntariado maduro como forma solidária de participação social no mundo dos pobres, os jovens podem dar-se a si, oferecer bens relacionais e receber oferta de humanização pessoal e societária (ARANGUREN GONZALO, 2011, p. 83-84, 114-118). Podem viver, assim, a santidade primordial, que “convida a dar uns aos outros, a receber uns dos outros, e a celebrar uns com os outros o gozo de ser humanos” (SOBRINO, 2006, p. 259). Sob outra perspectiva, o exercício da misericórdia consequente no mundo sofredor do voluntariado maduro apresenta-se como um lugar de viver “já e ainda não” o tornar-se filho(a) e irmão(ã) no Filho único (Ef 1,1-2). A ação voluntária resultaria insuficiente se fosse palpável somente a ação prática, sem que fosse palpável nela o amor filial e fraterno (DCE, n. 33-35). Nela, a pessoa torna-se responsável pelo outro (ARANGUREN GONZALO, 2011, p. 125-126; DCE, n. 30). O pobre liberta o rico de sua riqueza e o rico liberta o pobre de sua pobreza, assim como o oprimido liberta-se de seu ser dominado e o opressor liberta-se de seu ser dominante. A realidade do outro é interiorizada, reconhecida como um comum sofrimento que vincula as pessoas (MARTINEZ-GAYOL FERNANDEZ, 2017, p. 148), convertida em compaixão e em ação (ARANGUREN GONZALO, 2011, p. 30). À medida que se sabe estar na realidade social parcial do mundo dos pobres, desenvolvem-se a lucidez e o diálogo sociais, dá-se sentido à experiência como ação reflexa de filiação e de fraternidade cristãs, sem a qual o seguidor de Jesus não praticante seria uma contradição viva (FLECHA ANDRÉS, 2013, p. 45).

4.2.2 Voluntariado maduro no mundo dos pobres: lugar histórico-pastoral

Lido desde o lugar histórico-pastoral, o voluntariado no mundo dos pobres é uma forma de vida segundo o Espírito de Jesus. Na experiência eclesial e pessoal de conhecer/saber da parcialidade de Jesus pelos pobres e de sua identificação com eles e na experiência de *sentir, experiencialmente*,

¹⁰ AMHERDT, 2004, p. 221; ANTONIO PAGOLA, 2012, p. 259; SCa, n. 45; DCE, n. 25; GONZÁLEZ FAUS, 1987, p. 649-652; MARIA CASTILLO, 2004, p. 138, 166-170; RICOEUR, 2012; VD, n. 86-87.

com e na Igreja a inseparabilidade de ser filho e de ser irmão, gestam-se a autonomia do ser humano e a (des)obediência da fé cristã (DCE, n. 37), celebrada continuamente na liturgia (SCa, n. 97; VD, n. 25-26), quista que seja cotidianamente vivida como exercício da misericórdia consequente no mundo sofredor do voluntariado como dom e tarefa de uma *epistemologia bíblico-jesuânica*.

Encontrado e reconhecido em famintos, doentes, estrangeiros, oprimidos, prisioneiros, emigrantes desprezados, refugiados ou deslocados, entende-se que o encontro com Cristo nos pobres (EAm, n. 58) leva à conversão social (n. 7, 26-27), à comunhão fraterna (n. 33-51), à solidariedade (n. 52-65) sobretudo pelos pobres e marginalizados (n. 7, 26, 58; VD, n. 107) e à amizade social (CV, n. 36, 169, 183; FT). Mt 25,31-46 ressalta a maneira privilegiada do serviço cristão. “É nisso que tudo resume”, escreve M. Gourgues (2004, p. 207-208). O encontro com o Cristo nessa *diakonia* aos pobres leva a contemplar tanto o rosto do Senhor e a conhecer suas preferências como a contemplar seu próprio rosto (ESCARTÍN CELAYA, 2001, p. 203). Interpela! Impele a evangelizar (EAm, n. 66-74). Leva ao prosseguimento de Jesus Cristo (EAm, n. 7; 58) e à vida segundo o Espírito (ChL, n. 16). Leva à manifestação do amor infinito de Deus por todos seus filhos(as) (EAm, n. 18). Como bem lembrou Aquino Júnior, “por mais que o mistério de Deus não se esgote em sua parcialidade pelos pobres e marginalizados, essa parcialidade é uma de suas características ou notas constitutivas” (2019, p. 156).

Esse lugar parcial é histórico-teológico. Logo, na Igreja (DCE, n. 22), o voluntariado maduro como forma solidária de participação social no mundo dos pobres não seria, assim, algo nem conjuntural nem secundário (AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 145-148), nem evidente e tranquilo (2019, p. 191-199); ao contrário, atualiza-se na vida de cada cristão e da comunidade como um acontecimento sacramental e como uma exigência ética permanente (SCa, n. 82-83; 89). Oferece-se gratuitamente o dom das misericórdias que gratuitamente recebeu (Mt 10,8b; SOBRINO, 1990, p. 312-314).

A vida vai sendo, de forma progressiva, transformada pelos mistérios eclesialmente celebrados e pessoalmente meditados (SCa, n. 64; VD, n. 99-108), ao ponto de Maria Castillo afirmar que onde não há justiça, não há Eucaristia (2004, p. 138, 166-170). O exercício da misericórdia é empapado pelo dom do Espírito de Jesus (SCa, n. 70-71) na dinâmica de ser contemplativo na ação (*epistemologia bíblico-jesuânica*). O prosseguimento de Jesus Cristo como forma de participação social para jovens no mundo dos pobres significa, ademais de ser uma forma solidária de participação social histórico-pastoral no mundo dos pobres, ter a vida no Cristo, como filho e irmão. A responsabilidade de cada um reveste-se de aspecto cristológico, e os atos de misericórdia engendram nova dimensão à solidariedade humana.

Os modos de viver essa forma de participação social no mundo dos pobres como tal (DP, n. 32-39; DSD, n. 178; DAp, n. 65), com, em e por Cristo, têm dimensões da vida humana (econômica, social, política, cultural, de gênero, étnica, racial, sexual, existencial, religiosa, etc.) e diversas formas de exercício da misericórdia cristã (DCE, n. 30b) e de maneiras solidárias de participação social (AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 207-211)¹¹. A experiência da misericórdia é tanto comunitária e individual quanto particular e social.

À guisa de conclusão

À luz dos princípios do método de “mundo dos pobres como lugar histórico-pastoral e como lugar histórico-teologal” de J. Sobrino, o voluntariado maduro como forma solidária de participação social no mundo dos pobres **1)** compendia uma catequese gradativa e permanente, de inspiração bíblica, litúrgica, de compromisso apostólico de *diakonia* cotidiana aos demais. Para mais, esse voluntariado **3)** insere os jovens em um itinerário educativo, pedagógico, catequético, contínuo, histórico-escatológico, de interação entre a vivência atual da fé cristã e o dado da Escritura e da Tradição viva da Igreja.

A inseparabilidade entre filiação adotiva e fraternidade ilimitada no Filho Único e a inseparabilidade entre graça pedida e recebida eclesial e pessoalmente, desde os sacramentos de iniciação cristã (como graça histórico-teologal), a conjunção entre o dado bíblico da presença misteriosa de Jesus Cristo nos pobres, acolhida e transmitida pelo magistério eclesial, na dinâmica anamnético-celebrativa da liturgia eclesial, da leitura orante, meditativa, contemplativa da Palavra de Deus, no exercício da misericórdia consequente no mundo dos pobres pelo voluntariado suscitam o pensamento a respeito de quem é o Verbo historicamente encarnado e interpelam a prossegui-Lo.

A vida segundo o Espírito de Jesus no voluntariado maduro, como forma solidária de participação social no mundo dos pobres para jovens, é um dos lugares propícios **2)** para encontrar-se com Jesus Cristo, para superar a assimetria entre cotidiano e fé teologal cristã. Encontramos, no voluntariado maduro como forma solidária de participação social no mundo dos

¹¹ Há realidades sociais de rostos concretos e formas solidárias de participação social de voluntariado maduro como sujeitos sociais embrenhados em cenários do Estado, do mercado e dos mundos vitais como interlocutores críticos a favor do bem comum, de uma economia solidária e da promoção da amizade social. Essas realidades e formas solidárias de participação social oferecem ocasião privilegiada para *provar e reificar*, dialeticamente, a ligação entre a fé como experiência litúrgico-eclesial, como experiência pessoal de ser ouvinte da Palavra de Deus, como forma solidária de participação social e de exercício da misericórdia, à maneira cristã, no mundo dos pobres (AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 207-211).

pobres para jovens, íntima conexão entre *lex orandi, lex credendi, lex agendi*. Por meio dessa tríplice conexão, pode-se chegar ao caminho de encontro com o mesmo Jesus Cristo. Prosseguindo Jesus Cristo, assim, como *contemplativos na ação*, n'Ele, os jovens podem ser levados ao encontro pessoal com Ele, a amá-Lo mais e a segui-Lo melhor. Superar-se-á o seguimento pessoal, eclesial e social, de um Cristo sem Jesus ou de Jesus sem Cristo, do "espiritual", ressentindo-se de trabalhos de promoção social, ou de uma missão da Igreja entendida somente como trabalho de promoção humana. Assim, engendram-se, discernida e continuamente, projeto de vida cristã, superação da assimetria estrutural entre fé teologal cristã e cotidiano e configuração gradativa entre vida e profissão de fé cristã, que começa na iniciação cristã.

O voluntariado maduro como forma solidária de participação social no mundo dos pobres para jovens é, portanto, um lugar adequado para a missão pastoral da Igreja e para certa compreensão da presença e dos planos de Deus. Preconiza-se, com isso, o voluntariado como uma das pistas de ação evangelizadora para se coadunarem conhecimento e seguimento de Jesus Cristo, incorporação em uma comunidade cristã, compromisso com a ação sociotransformadora, à luz da Palavra de Deus e dos ensinamentos da Igreja. A configuração contemporânea do fenômeno do voluntariado em contextos de exclusão social como exercício de cidadania, de participação e de solidariedade sociais é, ao mesmo tempo, uma realidade histórica de oferta de humanização pessoal e societária, na qual Deus-Pai e Cristo continuam fazendo-se presentes, na qual convergem e se remetem mutuamente pobres e Jesus de Nazaré e o prosseguimento eclesial-social d'Ele.

Siglas

- AG = Decreto *Ad Gentes*
- CA = Carta encíclica *Centesimus Annus*
- ChL = Exortação apostólica *Christifidelis Laici*
- CiV = Carta encíclica *Caritas in Veritate*
- CNBB = Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Brasília
- CV = Exortação apostólica *Christus Vivit*
- DAP = Documento de Aparecida
- DCE = Carta encíclica *Deus Caritas Est*
- DD = Carta apostólica *Dies Domini*
- DiM = Carta encíclica *Dives in Misericordia*
- DP = Documento de Puebla, Lima
- DSD = Documento de Santo Domingo
- EAm = Exortação apostólica *Ecclesia in America*, Cidade do México

- EcE = Carta encíclica *Ecclesia de Eucharistia*
 ECE = Constituição apostólica *Ex Corde Ecclesiae*
 EE = Exercícios Espirituais Santo Inácio de Loyola
 EG = Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*
 EN = Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*
 ET = Exortação apostólica *Evangelica Testificatio*
 FT = Carta encíclica *Fratelli Tutti*
 GS = Constituição pastoral *Gaudium et Spes*
 LG = Constituição dogmática *Lumen Gentium*
 LS = Carta encíclica *Laudato Si'*
 MM = Carta encíclica *Mater et Magistra*
 MMi = Carta apostólica *Misericórdia et Misera*
 MV = Bula *Misericordiae Vultus*
 NMI = Carta apostólica *Millennio Ineunte*
 PDV = Exortação apostólica *Pastores Dabo Vobis*
 PG = Exortação apostólica *Pastores Gregis*
 PP = Carta encíclica *Populorum Progressio*
 RICA = Ritual da Iniciação Cristã de Adultos
 RMi = Carta encíclica *Redemptoris Missio*
 SCa = Exortação apostólica *Sacramentum Caritatis*
 SRS = Carta encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*
 VD = Exortação apostólica *Verbum Domini*

Referências

- ALTABA GARGALLO, V. El voluntariado cristiano vivido como vocación. *Corintios XIII*, Madrid, n. 139, p. 178-202, jul./sept. 2011.
- AMHERDT, F.-X., *L'herméneutique philosophique de Paul Ricœur et son importance pour l'exégèse biblique*. En débat avec la New Yale Theology School. Paris: Cerf; Saint Augustin, 2004.
- ANTONIO PAGOLA, J. *O caminho aberto por Jesus*. Lucas. Petrópolis: Vozes, 2012.
- AQUINO JÚNIOR, F. de. *Igreja dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 2018. (Teologia do Papa Francisco).
- AQUINO JÚNIOR, F. de. *Teologia em saída para as periferias*. São Paulo: Paulinas; Recife: UNICAP, 2019. (Kairós).
- ARANGUREN GONZALO, L. A. *Humanización y voluntariado*. Madrid: PPC, 2011.
- ÁVILA, F. B. de. *Pequena enciclopédia de Doutrina social da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1991.

BARGABLIO, G.; FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os evangelhos (I)*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. (Bíblica Loyola, 1).

BENTO XVI, Papa. *Carta encíclica Deus Caritas Est sobre o amor cristão*. Roma, 2005. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html. Acesso em: 21 mar. 2023.

BENTO XVI, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal Sacramentum Caritatis sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja*. Roma, 2007. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html. Acesso em: 28 fev. 2023.

BENTO XVI, Papa. *Carta encíclica Caritas in Veritate sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade*. Roma, 2009. Disponível em https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html. Acesso em: 23 abr. 2023.

BENTO XVI, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal Verbum Domini sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*. Roma, 2010. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html. Acesso em: 28 fev. 2023.

BORGHETI, R. da S. A juventude como opção preferencial: análise histórica do Magistério eclesial brasileiro. *Revista de Pastoral da ANEC*, Brasília, v. 2, n. 1, p. 11-25, jul./dez. 2010.

BRAVO TISNER, A. Notas para una teología del voluntariado. *Corintios XIII*, Madrid, n. 139, p. 126-139, jul./sept. 2011.

BUENO DE LA FUENTE, E. La teología y el testimonio de la caridad. *Corintios XIII*, Madrid, n. 100, p. 77-113, oct./dic. 2001.

CAMPO SÁNCHEZ, C. Metodología y voluntariado. *Documentación Social*, n. 104, p. 149-165, jul./sept. 1996.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição dogmática Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual*. Roma, 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 11 fev. 2023.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. Roma, 1964. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 05 fev. 2023.

CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Ad Gentes sobre a atividade missionária da Igreja*. Roma, 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html. Acesso em: 05 fev. 2023.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Evangelização e pastoral da universidade*. São Paulo: Paulinas, 1988. (Estudos da CNBB, 56).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Educação, Igreja e Sociedade*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1992. (Documentos da CNBB, 47).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2007. (Documentos da CNBB, 85).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja do Brasil 2011-2015*. Brasília: CNBB, 2011. (Documentos da CNBB, 94).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *O seguimento de Jesus Cristo e a ação evangelizadora no âmbito universitário*. Brasília: CNBB, 2013. (Estudos da CNBB, 102).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. 2. ed. Brasília: CNBB, 2017. (Documentos da CNBB, 107).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Vida: dom e compromisso I. Fé cristã e opção preferencial pelos pobres*. Brasília: CNBB, 2021. (Subsídios doutrinários, 12).

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. *Documentos do CELAM*. Conclusões das conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004.

CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO. *Puebla: La evangelización en el presente y en el futuro de América Latina*. Lima: Labrusa, 1979.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. *Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus, Paulinas, 2007.

DOMINGO MORATALLA, A. *El arte de cuidar: atender, dialogar y responder*. Madrid: Rialp, 2013.

DOMINGO MORATALLA, A. *Democracia y caridad: horizontes éticos para la donación e la responsabilidad*. Miliaño: Sal Terrae, 2014.

ELLACURÍA, I. *Escritos teológicos*. El Salvador: UCA, 2000. 2 t.

ELLACURIA, I.; SOBRINO, J. *Mysterium liberationis: conceptos fundamentales de la Teología de la liberación*. Madrid: Trotta, 1990. 2 t.

ERNESTO VALIENTE, O. From Conflict to Reconciliation: Discipleship in the Theology of Jon Sobrino. *Theological Studies*, Milwaukee, v. 74, n. 3, p. 655-682, sept. 2013.

ESCARTÍN CELAYA, P. Un servicio pastoral movido por el amor. *Corintios XIII*, Madrid, n. 100, p. 161-218, oct./dic. 2001.

FALCÓN, E. Dimensiones políticas del voluntariado: de la promoción al cambio de estructuras. *Cristianisme i Justícia*, Barcelona, n. 79, p. 1-20, oct. 1997.

FÉDOU, M. (Dir.). *Le Fils unique et ses frères*. Unicité du Christ et pluralisme religieux. Paris: Facultés jésuites de Paris, 2002.

FLECHA ANDRÉS, J. R. La fe como experiencia de un amor que se recibe y se comunica. *Corintios XIII*, Madrid, n. 146, p. 24-46, abr./jun. 2013.

FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Roma, 2013. Disponível em <https://www.vatican.va/>

content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 21 mar. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Misericordiae Vultus*. Bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia. Roma, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html. Acesso em: 24 fev. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum*. Roma, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 16 set 2023.

FRANCISCO, Papa. *Carta apostólica Misericordia et Misera*. Roma, 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20161120_misericordia-et-misera.html. Acesso em: 24 fev. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal Christus Vivit aos jovens e a todo o povo de Deus*. Vaticano, 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html. Acesso em: 22 mar. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Fratelli Tutti sobre a fraternidade e a amizade social*. Assis, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 16 fev. 2023.

GARCÍA ROCA, J. *Publico y privado en la acción social: del Estado de Bienestar al Estado social*. Madrid: Editorial Popular, 1992. (Trabajo social. Política social).

GARCÍA ROCA, J. *Solidaridad y voluntariado*. Maliaño: Sal Terrae, 1994. (Colección Presencia Social, 12).

GARCÍA ROCA, J. La larga marcha del voluntariado. *Intervención Psicosocial*, Madrid, n. 1, v. 8, p. 15-30, 1999.

GARCÍA ROCA, J. O voluntariado na sociedade do bem-estar. *Intervenção Social*, Lisboa, n. 25-26, p. 85-100, 2002.

GARCÍA ROCA, J. *Políticas y programas de participación social*. Madrid: Síntesis, 2004.

GARCÍA ROCA, J. *Educación para la ciudadanía*. Barcelona: Cristianismi i Justicia, 2007.

GARCÍA ROCA, J. Caridad transformadora, *Corintios XIII*, Madrid, n. 140, p. 76-101, oct./dic. 2011.

GELABERT BALLESTER, M. Mutua implicación entre fe y caridad. *Corintios XIII*, Madrid, n. 146, p. 8-23, abr./jun. 2013.

GINER DE GRADO, C. La gratuidad, aportación del voluntariado. *Documentación Social*, Madrid, n. 104, p. 143-147, jul./sept. 1996.

GONZÁLEZ, A. El papel del voluntariado en la lucha contra la exclusión social: el valor del acompañamiento. *Documentación Social*, Madrid, n. 160, p. 171-188, enero/marzo 2011.

GONZÁLEZ FAUS, J. I. *Proyecto de hermano*. Visión creyente del hombre. Santander: Sal Terrae, 1987. (Colección Presencia Teologica, 40).

GOURGUES, M. *As parábolas de Jesus em Marcos e Mateus: das origens à atualidade*. São Paulo: Loyola, 2004. (Bíblica Loyola, 39).

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações*. Brasília: IBICT, 2003. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 09 maio 2022.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta encíclica Dives in Misericordia sobre a misericórdia divina*. Roma, 1980. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30111980_dives-in-misericordia.html. Acesso em: 06 abr. 2023.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta encíclica Sollicitudo Rei Socialis pelo vigésimo aniversário da Encíclica Populorum Progressio*. Roma, 1987. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html. Acesso em: 01 abr. 2023.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta apostólica Dies Domini sobre a santificação do domingo*. Vaticano, 1988. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1998/documents/hf_jp-ii_apl_05071998_dies-domini.html. Acesso em: 21 mar. 2023.

JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal Christifideles Laici sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo*. Roma, 1988. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html. Acesso em: 21 mar. 2023.

JOÃO PAULO II, Papa. *Constituição apostólica Ex Corde Ecclesiae sobre as universidades católicas*. Roma, 1990. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_15081990_ex-corde-ecclesiae.html. Acesso em: 12 ago. 2023.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta encíclica Redemptoris missio sobre a validade permanente do mandato missionário*. Roma, 1990. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em: 21 mar. 2023.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta encíclica Centesimus Annus no centenário da Rerum Novarum*. São Paulo: Loyola, 1991. (Documentos Pontifícios).

JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais*. Roma, 1992. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031992_pastores-dabo-vobis.html. Acesso em: 20 mar. 2023.

JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal Ecclesia in America sobre o encontro com Jesus Cristo vivo caminho de conversão, a comunhão e a solidariedade na América*. Cidade do México, 1999. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_22011999_ecclesia-in-america.html. Acesso em: 06 fev. 2023.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta apostólica Novo Millennio Ineunte ao termo do grande jubileu do ano 2000*. Vaticano, 2001. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html. Acesso em: 18 nov. 2023.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta encíclica Ecclesia de Eucharistia sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja*. Roma, 2003. Disponível em: https://www.vatican.va/holy_father/special_features/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_20030417_ecclesia_eucharistia_po.html. Acesso em: 28 fev. 2023.

JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal Pastores Gregis sobre o bispo, servidor do Evangelho de Jesus Cristo para a esperança do mundo*. Roma, 2003. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20031016_pastores-gregis.html. Acesso em: 23 fev. 2023.

JOÃO XXIII, Papa. *Carta encíclica Mater et Magistra sobre a recente evolução da questão social à luz da doutrina cristã*. Roma, 1961. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html. Acesso em: 20 fev. 2023.

LAGUNA, J. *Hacerse cargo, cargar y encargarse de la realidad*. Hoja de ruta samaritana para otro mundo posible. Barcelona: Cristianisme i Justícia, 2011.

LLUCH FRECHINA, E. De la economía egoísta a la economía altruista. *Corintios XIII*, Madrid, n. 151-152, p. 35-39, jul./dic. 2014.

MADRID, A. *La institución del voluntariado*. Madrid: Trotta, 2001.

MARÍA CASTILLO, J. *El seguimiento de Jesús*. 2. ed. Madrid: PPC, 2004.

MARTINEZ-GAYOL FERNANDEZ, N. La misericordia: “una conmoción de las entrañas”. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 49, n. 1, p. 127-154, jan./abril 2017.

MOTA, G. L. Um olhar pastoral ao documento da CNBB sobre os jovens: evangelização da juventude – desafios e perspectivas pastorais. *Pistis & Praxis*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 231-242, jan./jun. 2009.

PAULO VI, Papa. *Carta encíclica Populorum Progressio sobre o desenvolvimento dos povos*. Roma, 1967. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html. Acesso em: 21 fev. 2023.

PAULO VI, Papa. *Exortação apostólica Evangelica Testificatio sobre a renovação da vida religiosa segundo os ensinamentos do Concílio*. Vaticano, 1971. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19710629_evangelica-testificatio.html. Acesso em: 17 fev. 2023.

PAULO VI, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi sobre o anúncio do Evangelho no mundo contemporâneo*. Roma, 1975. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 05 fev. 2023.

RAMÓN ECHARREN, Y. El voluntariado social: avisos para creyentes. *Sal Terrae*, Santander, v. 77, n. 6, p. 463-478, jun. 1989.

RENES AYALA, V. El voluntariado: solidaridad y participación en la sociedad dual. *Sal Terrae*, Santander, v. 77, n. 6, p. 435-448, jun. 1989.

RENES AYALA, R.; LÓPEZ SALAS, E. Globalización y voluntariado: construir una sociedad desde los valores del voluntariado. *Documentación Social*, Madrid, n. 160, p. 71-89, enero/marzo 2011.

RICOEUR, P. *Amor e justiça*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

- RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- SÁENZ DE NAVARRETE, J. I. C. Hacia un nuevo modelo social. El empeño humano de la caridad cristiana. *Corintios XIII*, Madrid, n. 133, p. 168-194, enero/marzo 2010.
- SANTABÁRBARA, L. G.-C. *El clamor de los excluidos: reflexiones cristianas ineludibles sobre los ricos y los pobres*. Santander: Sal Terrae, 2009.
- SANTO INÁCIO DE LOYOLA. *Exercícios Espirituais*. São Paulo: Loyola, 2000.
- SEVERINO, E. R. *La (re)découverte du Royaume de Dieu*. Le lointain se rend proche. L'interprétation des textes de P. Ricoeur et la place des récits bibliques dans le cours de l'insertion social des jeunes. Accompagnateur: Alain Thomasset. 2016. 91p. Mémoire (Mémoire de deuxième cycle de Théologie morale et pratique). Centre Sèvres – Facultés Jésumites de Paris, Paris, 2016.
- SEVERINO, E. R. *Voluntariado para jovens no documento 85 da CNBB: uma abordagem eclesial-social-teológica a partir dos princípios do método teológico de Jon Sobrino*. Orientador: Prof. Dr. Francisco das Chagas de Albuquerque. 2022. 360p. Tese (Doutorado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, Departamento de Teologia, 2022. Disponível em: <http://www.biblioteca.asav.org.br/biblioteca/index.php?id=FAJE>. Acesso em: 10 out. 2023.
- SOBRINO, J. *Resurrección de la verdadera Iglesia: los pobres, lugar teológico de la Eclesiología*. Santander: Sal Terrae, 1981.
- SOBRINO, J. La centralidad del “reino de Dios” en la teología de la liberación. *RLAT*, El Salvador, n. 9, p. 247-281, sept./dic. 1986.
- SOBRINO, J. Teología en un mundo sufriente. La Teología de la liberación como “intellectus amoris”. *Revista Latinoamericana de Teología*, El Salvador, n. 15, p. 243-266, sept./dic. 1988.
- SOBRINO, J. Como fazer Teologia. Proposta metodológica a partir da realidade salvadorenha e latino-americana. *Perspectiva teológica*, Belo Horizonte, v. 21, n. 55, p. 285-303, set./dez. 1989.
- SOBRINO, J. Iglesias ricas y pobres y el principio misericordia. Una Iglesia “pobre” es una Iglesia “rica” en misericordia. *Revista Latinoamericana de Teología*, El Salvador, n. 21, p. 307-323, sept./dic. 1990.
- SOBRINO, J. *Jesucristo liberador: lectura histórico-teológica de Jesús de Nazaret*. Mexico: CRT; Universidad Iberoamericana, 1994a. (Colección Teología, 8).
- SOBRINO, J. *O princípio misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994b.
- SOBRINO, J. La teología y el “principio liberación”. *Revista Latinoamericana de Teología*, El Salvador, n. 35, p. 115-140, mayo/agosto 1995.
- SOBRINO, J. “Luz que penetra en las almas”. Espíritu de Dios y seguimiento lúcido de Jesús. *Sal Terrae: Revista de Teología Pastoral*, Santander, v. 88, n. 1008, p. 3-15, enero 1998.
- SOBRINO, J. *La fe en Jesucristo: ensayo desde las víctimas*. San Salvador: UCA, 1999. (Teología latinoamericana, 24).
- SOBRINO, J. *Cartas a Ellacuría: 1989-2004*. El Salvador: CMR, 2004.

SOBRINO, J. *Extra pauperes nulla salus*. Pequeño ensayo utópico-profético. *Revista Latinoamericana de Teología*, El Salvador, n. 69, p. 219-261, sept./dic. 2006.

SOBRINO, J. El Jesús histórico nos llama al discipulado en América Latina y el Caribe. *Theologica Xaveriana*, Bogotá, v. 57, n. 161, p. 127-157, enero/marzo 2007.

SOBRINO, J. Jesús de Galilea desde el contexto salvadoreño. Compasión, esperanza y seguimiento a luz de la cruz. *Revista Latinoamericana de Teología*, El Salvador, n. 75, p. 313-333, sept./dic. 2008.

SOBRINO, J. Recuperar y poner a producir a Jesús de Nazaret y su cruz en un mundo de pobres y oprimidos. *Revista Latinoamericana de Teología*, El Salvador, n. 82, p. 45-67, enero/abr. 2011.

SOBRINO, J. Ser cristão hoje. *Concilium*, Petrópolis, v. 2, n. 340, p. 87-104, 2011.

SUSIN, L. C. (Org.). *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2000.

VIGIL, J. M. (Org.). *Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007.

ZAMAGNI, S. Don gratuito y vida económica. *Corintios XIII*, Madrid, n. 151-152, p. 98-125, jul./dic. 2014.

Artigo submetido em 06.05.2023 e aprovado em 05.10.2023.

Eduardo Roberto Severino SJ é doutor em Teologia da práxis cristã, pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), diretor geral do Colégio Catarinense, uma das unidades da Rede de Educação Básica da Companhia de Jesus no Brasil (RJE-BRA). Orcid.org/0000-0002-2568-1020. E-mail: erseverino@gmail.com

Endereço: Rua Esteves Júnior, 711
Centro Florianópolis – SC 88015-130